

“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça”: o padrão de beleza da mulher brasileira nos últimos 70 anos

*“Olha que coisa mais linda, mais cheia de graça”:
the standard of beauty of the Brazilian woman in the last 70 years*

JAÍNE GERALDA OLIVEIRA

Discente do curso de História (UNIPAM)

E-mail: jainego@unipam.edu.br

EUNICE APARECIDA CAIXETA

Professora orientadora (UNIPAM)

E-mail: eunice@unipam.edu.br

Resumo: Os seres humanos convivem em sociedades que estabelecem padrões a serem cultuados cotidianamente em diversos meios sociais. O corpo feminino, em muitos desses agrupamentos, é uma das principais pautas que são colocadas em evidência – a preocupação em se adequar ao padrão preestabelecido é uma realidade cotidiana na vida das mulheres. Ao se perceberem essas preocupações, nota-se uma constante influência no comportamento cotidiano das brasileiras, que sobre(vivem) em um país onde o próprio corpo, que é ou deveria ser uma propriedade única de cada ser humano, torna-se um objeto de destaque, submetido à aprovação ou à desaprovação. A cultura patriarcal vivenciada no Brasil, que se perpetua por meio de uma realidade machista, unida à pressão estética, estabelece ligação direta com a indústria cultural – que se desenvolve principalmente com a veiculação de imagens e de estereótipos, contribuindo para o desenvolvimento pleno do modo de produção capitalista estabelecido nos dias atuais. Esse tipo de divulgação tem como objetivo persuadir os indivíduos e fazer com que aceitem, cultuem e sigam padrões que interessem o bom funcionamento do sistema, sendo-lhe lucrativos. Para desenvolver este trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas, com o intuito de desenvolver uma coleta documental de dados, utilizando fontes históricas primárias. Teve como objetivo analisar as características de alguns aspectos influenciadores que, contribuem, entretanto, para que se estabeleçam alguns prejuízos, como problemas psicológicos desenvolvidos pela preocupação com a busca incessante pela beleza e com um corpo que atenda aos padrões exigidos; interpretar, por conseguinte, essas definições, cultuadas historicamente, bem como suas influências, permitindo que haja uma compreensão acerca da subjugação feminina pelo patriarcalismo e salientando a dominação masculina sobre as mulheres e, conseqüentemente, sobre seus corpos.

Palavras-chave: Cultura. Padrão de beleza. Mulher Patriarcal.

Abstract: Human beings live in societies that establish standards to be worshiped daily in several social environments. In many of these groups, the woman's body is one of the main issues in evidence - the concern to fit the pre-established standard is a daily reality in women's lives. By noticing these concerns, one can realize a constant influence in the everyday behavior of Brazilian

women, who survive in a country where the body itself, which is or should be a unique property of every human being, becomes a prominent object, subjected to approval or disapproval, even on the international scene. The patriarchal culture experienced in Brazil, which through a sexist reality associated with esthetic pressure is perpetuated, establishes a direct link with the cultural industry - which develops mainly through the dissemination of images and stereotypes, contributing to the full development of the capitalist mode of production set up nowadays. This type of disclosure aims to persuade individuals and make them accept, worship, and follow patterns that interest the well functioning of the system, being profitable to it. To develop this article, we conducted bibliographic research into a documentary of data using primary historical sources. It aimed to analyze the characteristics of some influencing aspects that contribute to the establishment of some damages, such as psychological problems developed by the concern with the constant search for beauty and with a body that meets the required standards; to interpret, therefore, these definitions, historically cultivated, as well as their influences, allowing an understanding about female subjugation by patriarchy and highlighting the male domination over women and, consequently, over their bodies.

Keywords: Culture. Beauty standards. Woman Patriarchal.

“Ninguém pode lhe fazer se sentir inferior sem o seu consentimento” (Eleanor Roosevelt).

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O conceito de beleza está presente nas mais diversas culturas desde os primórdios das civilizações; atender, logo, a algum padrão de beleza significa ser aceito dentro de um determinado espaço de convívio social. Atualmente, com o advento das redes sociais, essas questões estão ainda mais evidentes. Isso porque, em uma realidade na qual os números representam índices de admiração, estar sempre belo e bem apresentável é fundamental no ambiente em que o julgamento alheio é recorrente.

No Brasil, um país onde a beleza feminina é um fator muito cultuado, as cirurgias plásticas fazem parte dos recursos que são utilizados para a adaptação dos corpos aos moldes determinados pelos padrões estéticos. Eco (2004, p. 193), nessa perspectiva, ao analisar a beleza em sua obra *História da Beleza*, questiona: “Que cânones, gostos e costumes sociais permitem considerar ‘belo’ um corpo?”. Esse questionamento feito pelo autor conduz à reflexão a respeito da compreensão dos moldes utilizados para se considerar a beleza corporal dos indivíduos em quaisquer meios sociais.

Pensando nisso, ao se fazer uma análise no contexto da construção social do Brasil, o mesmo questionamento supracitado pode ser empregado para uma reflexão do conceito de beleza no território brasileiro, que é demarcado pela diversidade cultural e étnica, favorecida pela miscigenação. Os povos originários que povoavam o território antes da chegada dos portugueses em 1500, os africanos trazidos no período colonial, os imigrantes árabes, os japoneses, os alemães, os italianos e os outros povos de diversas nacionalidades e etnias que vieram para o Brasil foram responsáveis pela diversidade étnica presente na construção das características físicas dos brasileiros, fazendo com que o Brasil seja um dos países com a população mais miscigenada do mundo.

Nesse ínterim, dentro da realidade patriarcal em que se insere a sociedade brasileira, as relações de desigualdade de gênero colocam as mulheres em uma posição de submissão perante toda a sociedade – uma vez que, em consonância com as perspectivas estéticas e por meio da pressão social, elas são ainda mais cobradas em relação aos cuidados com o corpo. Portanto, conforme salienta Nascimento *et al.* (2012, p. 12), “[...] há uma demarcação de como a cultura concebe a subjetividade feminina”.

Para atender às expectativas estabelecidas por intermédio do padrão de beleza, as mulheres, cada vez mais, aprimoram os cuidados com o corpo, excedendo-se e chegando à beira da obsessão. Desse modo, a preocupação exacerbada com a beleza corporal pode tornar-se prejudicial, gerando, por exemplo, problemas de autoestima, de transtornos alimentares e de dismorfia corporal, que é um prejuízo psicológico voltado à preocupação extrema com a imagem corporal e com a estética, fazendo com que o indivíduo conceba detalhes de sua aparência física como imperfeições. Essas questões estão diretamente ligadas à forma como são transmitidas as narrativas envolvendo o condicionamento físico e a beleza corporal.

Dentro dessa perspectiva, a presente pesquisa analisará quais são as causas da obsessão das brasileiras em atingir uma beleza padronizada; identificará quais são os recursos utilizados pelas pessoas para atingir esse objetivo, bem como quais são as influências que essas pessoas recebem para que esse padrão seja contemplado e as maneiras por que a sociedade se afeta a partir dessas narrativas – evocadas nos últimos 70 anos, no Brasil.

Para o desenvolvimento deste trabalho, foram realizadas pesquisas bibliográficas, com o intuito de desenvolver uma coleta de dados, por meio de jornais de época, de revistas, de programas e de propagandas de televisão, de rádio e de outros meios de comunicação utilizados nos períodos que serão analisados. Além disso, foram feitas algumas entrevistas, de forma qualitativa (dados), com pessoas que viveram nas respectivas décadas a serem analisadas, com a finalidade de compreender, de forma direta e sistemática, de que maneira a padronização da beleza dos corpos femininos era abordada no contexto social da época.

2 PENSAMENTOS SOBRE OS PADRÕES

No que tange ao contexto em que se inserem as discussões acerca dos padrões de beleza nos dos últimos setenta anos no Brasil, é importante compreender as influências externas que dão base para que esses padrões existam, sejam aceitos e tenham adeptos entre os indivíduos de toda a sociedade. O corpo, fazendo parte de toda a conjuntura, sendo o protagonista dos estudos a serem analisados e que estão em desenvolvimento, é o elemento de representação da maioria das interações sociais – de forma que, em qualquer cultura, espaço ou tempo, os indivíduos relacionam-se com o mundo por intermédio dele. Como pontuado por Le Breton (2006, p. 7):

Moldado pelo contexto social e cultural em que o ator se insere, o corpo é o vetor semântico pelo qual a evidência da relação comum é constituída: atividades perspectivas, mas também expressões dos sentimentos, cerimoniais dos

ritos de interação, conjunto de gestos e mímicas, construção da aparência, jogos de sedução, técnicas do corpo, exercícios físicos, relação com a dor, com sofrimento, e etc. Antes de qualquer coisa a existência é corporal.

Em face do exposto, a pesquisa baseou-se na premissa de que o corpo é uma representação simbólica de cada indivíduo, uma variedade conjuntural que é influenciada por fatores culturais e é passível de mudanças por meio de influências desses mesmos fatores, tornando-se um reflexo da própria cultura.

No ocidente, quando pensamos no corpo, inferimos que ele surge como bem mais precioso do ser humano. Conforme discorre Baudrillard (2010, p. 168), após um longo período de puritanismo, atualmente o corpo vem sendo redescoberto sob a ótica da libertação sexual e física, mesmo que assuma uma função ideológica e moral. Para esse autor, dentro do capitalismo, o corpo é compreendido na mesma lógica central desse modo de produção, ou seja, como propriedade privada, logo, é tratado enquanto capital ou objeto de investimento pessoal. Assim, compreendemos a asserção de que o corpo tornou-se “o mais belo objeto de consumo” do ser humano e concordamos com ela.

Nesse sentido, analisamos, neste estudo, o corpo físico ensejado pela ótica capitalista, elencada por Baudrillard (2010), que a nomeia como “Sociedade de Consumo”. Baudrillard (2010) apresenta a noção do homem moderno que, enquanto detentor de necessidades, não hesita em buscar a felicidade de várias maneiras; para isso, por conseguinte, o ser humano utiliza diversas formas e objetos que lhe forneçam o máximo de satisfação.

Dentro dessa perspectiva, o indivíduo, ao buscar a felicidade, torna-se consumista – o que faz com que o consumismo afete a vida das pessoas. O autor ainda explicita uma análise que estabelece novas relações entre o objeto e o sujeito, em que, via uma perene produção, é distribuído aos indivíduos, em forma de bens disponíveis, o consumo privado. Cumpre ressaltar que esses bens – como agentes de satisfação e de felicidade – são divulgados, por exemplo, por meio da publicidade. Considera-se, dessa forma, que o objeto em si não teria essa capacidade; mas, quando trazido a uma perspectiva social e conjunta, assume essa posição (BAUDRILLARD, 2010).

Isto posto, configura-se o estabelecimento de uma noção de beleza e, posteriormente, uma padronização da beleza desses corpos. Martins (2017, p. 6) adverte:

[A]s mídias e suas publicidades, por sua vez, provocam profundo efeito sobre a percepção dos indivíduos no que diz respeito ao corpo. São elas, que nos levam a imaginar, fantasiar determinadas existências corporais, formas de andar, vestir e se expressar, assim como delineamentos físicos e padrões estéticos. Portanto, a mídia potencializa a difusão e capitalização do culto à beleza padronizada, constituindo, assim, o que podemos denominar de “indústria da beleza”.

Nota-se, portanto, a enfatizada relação entre a beleza padronizada dentro da sociedade capitalista e as conjunturas dela. Nessa perspectiva, existe ainda outra conjuntura a ser considerada na pesquisa, que é a posição das mulheres inseridas no meio social.

A 'beleza' é um sistema monetário semelhante ao padrão ouro. Como qualquer sistema, ele é determinado pela política e, na era moderna no mundo ocidental, consiste no último e melhor conjunto de crenças a manter intacto o domínio masculino. Ao atribuir valor às mulheres numa hierarquia vertical, de acordo com um padrão físico imposto culturalmente, ele expressa relações de poder segundo as quais as mulheres precisam competir de forma antinatural por recursos dos quais os homens se apropriaram (WOLF, 1992, p. 15).

Além das questões anteriormente citadas a que o corpo está sujeito, a mulher encontra-se em uma posição ainda mais subjugada dentro da sociedade capitalista patriarcal. À vista disso, evidenciando a posição da beleza feminina no que tange a essa realidade, Wolf (1992, p. 17) explicita que "o mito da beleza não tem absolutamente nada a ver com as mulheres. Ele diz respeito às instituições masculinas e ao poder institucional dos homens", salientando a dominação masculina sobre as mulheres e seus corpos.

2.1 A EVOLUÇÃO DOS PADRÕES DE BELEZA

Ao longo da história da humanidade, foram desenvolvidas diversas representações relacionadas ao corpo feminino, de modo que, em cada período, fossem definidos distintos critérios para, de fato, estabelecer o que é considerado belo – podem essas considerações ser determinadas conforme as condições religiosas, econômicas, políticas, culturais e até imaginárias de cada sociedade em determinado período. Nesse ínterim, podemos considerar, na atualidade, que

[A] partir de uma análise da evolução das técnicas de representação compreende-se que a composição de espaços de representação para a representação dos corpos foi um projeto estratégico do período moderno. O "caldo de cultura" foi diluído para a reprodução de estereótipos culturais e de imagens idealizadas do corpo que contribuíram para a composição imagética de determinados lugares (SANTOS, 2014, p. 14).

Pensando nisso, para reafirmar essas representações, são utilizadas – desde as comunidades primitivas – imagens artísticas que mostrem o ideal de um corpo feminino, devaneado a partir do imaginário religioso predominante em determinado período. Os seres humanos dessas comunidades dedicavam-se a preocupações inerentes à sobrevivência, sendo o próprio corpo uma arma auxiliadora desse processo. Logo, um

artefato que marca esse período, a partir da representação de um corpo feminino com proporções muito diferentes das cultuadas atualmente, confeccionada no período paleolítico, é a estátua da Mulher de Willendorf, que também é conhecida como Vênus de Willendorf, conforme ilustra a imagem a seguir.

Figura 1: Vênus de Willendorf



Fonte: *Wikipédia*, 2018. Vênus de Willendorf.

De acordo com a representação da imagem, a figura da Vênus de Willendorf ou Mulher de Willendorf é representada por grandes proporções. Observam-se que os seios e o quadril dela são grandes, ao passo que seus braços são delicados e quase não se apresentam, deixando em evidência os outros elementos supracitados.

Em conformidade com o exposto, alguns pesquisadores apontam que essa representação era utilizada de forma sagrada e que a estatueta era carregada como um amuleto que representava a fecundidade feminina. Já outros dissertam que a representação significava um status social superior numa sociedade em que a caça e a pesca eram base para a sobrevivência e em que o corpo, com as suas proporções volumosas, referia-se a uma qualidade de vida diferente da dos outros seres humanos que viviam nesse período.

Enquanto na Grécia Antiga, uma das primeiras representações de padronização dos corpos é percebida: uma associação a esse fator é a origem da palavra estética, que vem do Grego *aisthetiké* e significa beleza e harmonia das formas. Esse reflexo é notado nas esculturas gregas que tinham as proporções muito bem medidas; por isso o conceito de belo era combinar harmonia e equilíbrio. Portanto, o corpo belo, na Grécia Clássica, seria aquele que demonstrasse equilíbrio e proporção. Apesar das representações em esculturas serem, em sua maioria, de deuses, as proporções eram consideradas para atender ao ideal de beleza da época.

Figura 2: Afrodite de Cnido



Fonte: *Wikipédia*, 2020. Afrodite de Cnido.

A imagem acima apresentada é uma obra do escultor grego Praxíteles, considerada a primeira representação do período que retrata uma deusa nua. As proporções corporais identificadas nessa obra expõem a simetria, as formas bem detalhadas com pouco volume, demonstrando a adequação do corpo feminino e o ideal de beleza da época.

Considerando isso, outra sociedade antiga que valorizava muito as questões estéticas era a cultura egípcia, com elementos que adornavam os corpos, maquiagens e modelos de cabelos que serviriam como representação de poder e status na época. Além disso, nesse período, já haviam sido desenvolvidos alguns métodos para a modificação corporal e/ou rituais de beleza que utilizavam até mesmo elementos químicos que hoje em dia, após diversos estudos, são comprovadamente prejudiciais à saúde. Dessa maneira, conforme atesta Machado *et al.* (s.d., *online*):

O uso de chumbo em cosmético se iniciou no Egito Antigo, onde se utilizava uma pasta com o metal para a pintura nos olhos. É considerado um metal tóxico, em contato com o homem, o chumbo acumula-se nos tecidos mineralizados e traz enormes prejuízos para o organismo.

Avançando um pouco mais na História, ao analisar o conceito de belo no período da Idade Média, notam-se as influências religiosas das culturas judaica e cristã, fazendo com que uma nova noção de valores e de costumes fosse reputada na sociedade. O nu, antes representado nas esculturas gregas, agora seria substituído pelo recatado, e todo conceito de beleza estava diretamente ligado às questões religiosas. O corpo feminino, desse modo, nesse período, era classificado como tentador, e a exposição dos corpos, além de pecado, poderia ser julgada como um crime contra a fé e contra a Igreja. Com essas influências, surge um padrão de beleza feminino que estava muito ligado à figura da Virgem Maria, que era bondosa, delicada e recatada, cujo corpo estava totalmente associado ao sagrado e era criado à imagem e semelhança de Deus.

Na Idade Média, o corpo foi afastado do ideal clássico de beleza por práticas iconoclastas e sacralizado como representação de Deus que o criou à sua imagem e

semelhança. O corpo tornara-se irreproduzível, sua ocultação não era apenas pelas vestes, mas também pela limitação da vida cultural e a contenção do espaço coletivo (NUNES, 2014, p. 15).

Já no Renascimento, Idade Moderna, com a redescoberta da cultura greco-romana, o conceito de belo foi novamente revisado, retomando padrões que eram cultuados na antiguidade clássica. O nu nas obras artísticas, por conseguinte, volta a ser visto, e a valorização do corpo feminino, para além das considerações religiosas, é retomada – já que o discurso renascentista desvinculava a ação humana da obra divina, o que permitia uma certa autonomia dos indivíduos, fazendo com que houvesse uma nova relação da percepção do corpo humano provocada pelas descobertas no campo da anatomia e da fisiologia humana.

Pensando nisso, de acordo com Nunes (2014, p. 15), “o corpo, como centro do universo, como fundamento que vinculava o humano ao ambiente, um novo imaginário técnico iria trazer novas representações, o surgimento do homem público e de novas formas de disciplinamento dos corpos”. Assim, fica evidente a relação de disciplina em que se inserem os corpos nos dias atuais.

2.2 OS MOLDES DA PADRONIZAÇÃO NO BRASIL

No Brasil, desde o encontro de culturas, as mulheres originárias do novo mundo recém-conquistado pelos europeus tinham seus corpos colocados em pauta nas cartas que eram enviadas à Portugal, como mostra o fragmento da Carta de Pero Vaz de Caminha a seguir:

E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima daquela tintura; e certo era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha (que ela não tinha) tão graciosa, que as muitas mulheres da nossa terra, vendo-lhes tais feições, fizera vergonha, por não terem a sua como dela (CAMINHA, [1500] 1999, p. 100).

Percebe-se, logo, uma preocupação com a beleza do corpo feminino, que, por intermédio do patriarcado – nesse momento, tendo como representantes Pero Vaz de Caminha junto aos “descobridores” –, já delimitava como seria um modelo de corpo belo e evocava acerca dos sentimentos de vergonha que as mulheres com corpos diferentes deveriam sentir. Ao realizar esse tipo de comparação, unida ao estímulo do sentimento de vergonha, fica incumbido no inconsciente feminino a necessidade de atender a um modelo específico de corpo que seria considerado belo, para que fosse aceito. Sendo assim, o contexto brasileiro de beleza começava, nesse momento, a ser definido e a desenvolver-se com o passar dos períodos históricos.

Nesse viés, após a oficialização da conquista do novo mundo, passaram-se aproximadamente 30 anos até que, de fato, o Brasil fosse povoado. O desenvolvimento econômico que se estabelecia na colônia trouxe a necessidade do aumento da mão de

obra, fazendo com que os portugueses iniciassem o processo de escravização e dando início ao tráfico de pessoas africanas para serem cativas nesse período da História.

Nessa perspectiva, inserem-se as mulheres africanas escravizadas, que, desde esse tempo, viviam em uma situação de hiperssexualização, sendo, muitas vezes, vendidas como produto sexual. Oliveira (2016, p. 5) disserta a respeito da relação da mulher e do escravizador quando aponta o seguinte:

[E]ssas marcas foram carregadas ao longo de todo o processo histórico brasileiro, criando relações de poder e discursos que tem potencial para transformar o corpo negro em um espaço violável, explorável e dominável. As potências dominadoras e exploradoras que o corpo da mulher negra colonizada carrega são capazes de criar estratégias para se adaptar ao desejo do colonizador.

Dessa forma, a situação da mulher negra escravizada na colônia é um acontecimento que se reflete até os dias atuais devido à objetificação que estas enfrentaram e enfrentam com relação a seus corpos. Isso comprova, mais uma vez, a relação de subordinação feminina a olhares masculinos – nesse caso, a mulher era tachada como um produto que poderia ser, inclusive, comercializado.

Avançando um grande período, já analisando a história da imigração brasileira, são encontrados outros momentos em que, novamente, o povoamento do país aumentou de forma significativa, por exemplo, no século XIX, quando um grande número de europeus e de asiáticos chegaram ao Brasil. Além das questões particulares que influenciavam na decisão em migrar, esse acontecimento foi promovido por políticas estatais que apoiavam essas migrações devido à necessidade de trabalho nas lavouras de café em alguns estados da região Sudeste. Logo, outra vez, as relações humanas ocorridas a partir desse fenômeno influenciaram no desenvolvimento da miscigenação do povo brasileiro. A partir dessa análise, observa-se a relação das mulheres imigrantes nesses momentos, já que chegavam a um novo ambiente com novas condições de trabalho e novas relações sociais.

Quando, nesse ínterim, analisamos representações artísticas do período, notamos uma forte simbolização familiar em pinturas e até esculturas que mostram famílias italianas recém-chegadas. Voltando-nos à análise para as figuras femininas dessas obras, fica evidente que existe uma sobreposição dos homens sobre as mulheres.

Nessas perspectivas, Simões (2017, p. 291) atesta que “sobretudo nas pinturas, à mulher cabe a esfera do sofrimento e a posição de mãe, enquanto que, ao homem, cabe a luta e o guiar pelos novos caminhos”, o que denota um caráter mais “dócil” da mulher inserida na situação da imigração.

A presença de povos de diferentes lugares em um só país que vieram por diversos motivos, que povoavam diversas regiões e que agora estavam unidos, fazendo parte de um só povo, deu os combustíveis necessários para que se desencadeasse no que, hoje, é chamado de miscigenação étnica, sendo um dos fatores principais para as conclusões acerca de um padrão de beleza brasileiro e analisando acontecimentos de diversos períodos da história do Brasil.

3 OS PADRÕES E OS ACONTECIMENTOS HISTÓRICOS

3.1 ANOS 1950

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, o racionamento de tecidos também foi findado; a mulher dos anos 1950 tornou-se mais feminina; e o glamour era o estilo da época. Eram utilizados vários metros de tecido para confeccionar um vestido que fosse bem amplo e na altura dos tornozelos. A cintura era bem marcada e os sapatos eram de saltos altos, além das luvas e outros acessórios luxuosos, como peles e joias. Essa silhueta extremamente feminina e jovial atravessou toda a década de 1950 e manteve-se como base para a maioria das criações desse período.

Dessa forma, os anos de 1950 no Brasil ficaram conhecidos como os Anos Dourados, marcando-se por um período de desenvolvimento industrial e de inovações tecnológicas. Nessa época, destaca-se o papel desempenhado pela mulher dentro de uma sociedade tradicionalista, buscava-se a preservação de costumes e de tradições: entre as práticas, salta às vistas a priorização do casamento como objetivo maior na vida de uma moça. Fazia-se necessário, logo, um comportamento impecável, regras de etiqueta, que eram muito valorizadas, e a resistência às possíveis tentações e a quaisquer situações que pudessem colocar em risco sua honra ou mesmo envergonhar o nome da família perante a sociedade.

Nessa perspectiva, acreditava-se que um bom comportamento era essencial para a formação de uma boa esposa. Isso era representado nas revistas femininas, que eram a principal distração, à época, para as mulheres de classe média. Essas revistas vinham com sugestões de comportamento, abordando as relações amorosas entre casais e as obrigações das mulheres para adquirir e manter um bom casamento.

Em publicações da revista *Jornal das Moças*, eram apresentadas às mulheres, na seção “Decálogo da esposa perfeita”, sugestões de comportamentos, de roupagens e do tratamento que deveriam adotar para com o esposo delas. Esse tipo de revista afirmava, em vários trechos, que a mulher precisava manter-se atraente para seus maridos, caracterizando-se como um molde subserviente, e prescrevia que ela não poderia nem mesmo perguntar a seu noivo acerca das datas dos casamentos – já que era uma decisão única e exclusiva do homem. Nesse sentido, infere-se que não competia às mulheres opinar em hipótese alguma.

Esses elementos trazem consigo o papel familiar da mulher, que necessitava desempenhar o papel de esposa, mãe e ser sempre dócil. Todas essas considerações ligam-se diretamente com o condicionamento físico das mulheres no período, em que um dos modelos mais considerados belos era ninguém menos do que a atriz Marilyn Monroe, representada na imagem abaixo:

Figura 3: Marilyn Monroe



Fonte: Sam Shaw Inc. 1954.

Na imagem icônica anterior, a atriz aparece com um vestido de alta costura, que, até os dias atuais, é referenciado quando o assunto é Monroe. Enquanto símbolo da beleza feminina, Marilyn Monroe representava uma combinação entre ingenuidade e sensualidade, que era ainda mais aguçada nos filmes de que a atriz chegou a participar.

No Brasil, o símbolo de beleza do período foi a modelo Maria Martha Hacker Rocha, que participou de concursos de beleza e foi eleita Miss Brasil, seguindo sua carreira de modelo. Em 1954, era uma das principais apostas para vencedora do concurso de Miss Universo. No entanto, Martha Rocha ficou em 2º lugar no concurso, perdendo para a americana Miriam Stevenson. Ao voltar para o Brasil, Martha recebeu críticas devido a sua colocação no concurso: a revista “O Cruzeiro”, que era uma das principais – em circulação – do período, explicitou que a modelo ficou em segunda colocação em razão das polegadas de seu quadril, que era maior que o da primeira colocada. A miss estampou muitos holofotes nessa época, recebendo até marchinhas em sua homenagem. Um exemplo dessas marchinhas é a cujo título é “Por duas Polegadas a Mais”, composta pelos compositores Pedro Caetano, Alcyr Pires Vermelho e Carlos Renato em São Paulo, lançada em agosto/setembro de 1955 no 78 rpm 17134-B. Nos versos da música, referenciavam o corpo da modelo e entoavam:

Por duas polegadas a mais / Passaram a baiana pra trás /
Por duas polegadas / E logo nos quadris / Tem dó, tem dó,
sem juiz!
Martha, Martha / Não ligue mais pra isso, não / Martha,
Martha / Ninguém tem o seu violão.

A modelo quase Miss Universo aparece na imagem, a seguir, com um maiô que marca sua silhueta, evidenciando suas curvas e os traços finos, com pernas finas, o cabelo curto com ondas e as medidas corporais muito bem recortadas e essa era a delimitação da beleza feminina dos anos 1950.

“OLHA QUE COISA MAIS LINDA, MAIS CHEIA DE GRAÇA”:
O PADRÃO DE BELEZA DA MULHER BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 70 ANOS

Figura 4: Martha Rocha no concurso Miss Universo, 1954



Fonte: *Wikipédia*, 2020.

A partir do que foi dissertado, infere-se que o padrão de beleza feminina durante a década dos anos 1950, no Brasil, era o da mulher dócil, inocente e servil que tinha como incumbência moldar-se para que conseguisse um bom marido, e das que já haviam feito tal conquista, esperava-se que se portassem de maneira que preservassem esse feito, tornando-se, a partir de então, responsáveis por manter a ordem no lar. Além desses traços, evidenciava-se muito a pele clara, a delicadeza feminina que era ainda mais representada por intermédio de produtos de beleza, como os batons, o cabelo com um recorte curto e armado.

Define-se, portanto, diante das considerações arroladas, que a beleza, nesse período, era ligada à mulher delicada, recatada, sempre elegante e que se preocupava com a própria beleza, estando sempre disposta a servir o marido. Enfim, conclui-se que a beleza vinha associada ao lindo papel de ser mãe e às obrigações do lar atreladas ao belo corpo metaforizado como violão por causa das curvas.

3.2 ANOS 1960

Nos anos 60 do século XX, ocorreram poucas mudanças em relação ao padrão da mulher delicada e dedicada ao lar, que, sempre se preocupava com a própria beleza. Um bom exemplo para ilustrar esse molde da boa mulher brasileira é o anúncio veiculado na revista “O Cruzeiro”, do Leite Ninho. Veja a imagem a seguir.

Figura 5: Anúncio publicitário Nestlé



Fonte: Propagandas Históricas, 2021.

No anúncio, aparece uma simpática esposa ao lado do marido e dos filhos, todos aparentam estar extremamente felizes no conforto de seu lar.

Assim como nos anos 1960, a silhueta continua bem marcada com traços finos e delicados; o cabelo bem curto e armado, trazendo a impressão de uma mulher jovial, bela e preocupada com as questões do cuidado com a própria beleza e cuidados com o lar e com a família. Mais uma vez, esses traços denotam uma subordinação aos seus maridos, e a indústria, por sua vez, utiliza desses artifícios para lucrar, oferecendo produtos que estejam de acordo com as necessidades das donas de casa. Outro traço muito marcante é a pele clara; nesse período, são raríssimas as representações em propagandas de mulheres com a pele em outros tons, que não o tom claro; o cabelo, como já analisado nos outros parágrafos, aparece muito bem escovado.

Nessa década, as transformações não foram muito radicais na vida das mulheres, o padrão de beleza se seguiu sendo o da mulher magra, branca, elegante e recatada; perfeita para ser provedora do lar, zelosa com o marido, com os filhos e ainda encontrava tempo o suficiente para manter-se bela.

3.3 ANOS 1970

O final dos anos 1960 e início dos anos 1970 é denominado, na história do Brasil, como Anos de Chumbo. À época, o país estava vivendo o chamado “milagre econômico” e o ufanismo modernizante, um período marcado pela repressão, já que era governado por militares que montavam o cenário mais cruel do sistema repressor. Foi um momento grandioso para o esporte brasileiro, de grandes manifestações populares tanto no cenário nacional quanto internacional, com movimentos *Punks* surgindo contra o pacifismo *hippie*.

Nesse sentido, mesmo sendo um período de grandes conturbações no cenário político do país, alguns estudiosos do tema apontam a década de 1970 como um período dos “corpos rebeldes”. No início dessa década, o movimento *hippie* ganhou força no Brasil, portanto as vestimentas mudam, os vestidos e saias encurtam, e surge até o uso da minissaia. Assim, as jovens começam a mostrar seus corpos, que antes eram muito

bem escondidos com os longos vestidos e saias. Ficam também em evidência os seios, com o uso dos decotes.

Em 1970, as mídias começam trazer às mulheres uma nova colocação no meio social, libertando-as do lar e fazendo com que conquistassem seus espaços na sociedade. Novos pensamentos acerca da sexualidade feminina, desse modo, são desenvolvidos, e a sensualidade fica proeminente. Cumpre informar que se soma a esse cenário também o movimento feminista. Nesse momento, algumas mulheres começam a impor suas ideias, iniciando a ocupação de espaços onde antes não eram tão frequentes a presença feminina e a busca pela liberdade, e a independência aparece como forte característica do período.

Nesse viés, os anos 70 do século XX apresentam-se uma década marcada pela luta feminina em busca de direitos civis igualitários aos homens. Surge, sendo assim, o incentivo para as mulheres começarem a trabalhar e não dependerem totalmente de seus maridos. A calça inaugura espaços, fazendo parte do guarda-roupa feminino, assim como as roupas unissex – o que proporciona maior liberdade ao corpo da mulher, que agora se inseria em novos espaços sociais. A beleza atrelou-se à juventude, ganhando grande importância, muito influenciada pelo movimento *hippie*, em que os jovens buscam contestar alguns valores tradicionais e protestam pelo amor livre e pela não violência, sugerindo um padrão de beleza feminino livre, independente e preocupado com outras questões além do lar.

Os corpos femininos, nesse ínterim, aparecem à mostra, trazendo a noção de liberdade; entretanto alguns dos padrões encontrados em outros períodos não se diferenciam, por exemplo, a pele clara, os cabelos escovados e a vaidade feminina perpassada pelas impressões que as pessoas teriam sobre essas mulheres.

3.4 ANOS 1980

Os anos 1980 foram caracterizados pelos “corpos marcados”, as marcas começam a ter um importante papel na sociedade e ocorre o advento dos *shopping centers*. Um modelo corporal icônico da época é caracterizado pela modelo Jane Fonda; desenvolve-se, assim, a preocupação em tornear o corpo e o advento das academias com exercícios aeróbicos, conforme aponta Villaça (2007, p. 204):

Era o início da febre das academias, e a busca por um corpo saudável não era mais conseguida por uma vida em contato com a natureza, e sim por meio dos exercícios físicos. Um belo bronzeado e um corpo bem malhado agora são imprescindíveis para a beleza feminina. Alvura da pele e as formas arredondadas estão definitivamente *out of fashion*. Um corpo perfeito e bronzeado é sinônimo de saúde (VILLAÇA, 2007, p. 204).

Em conformidade com o exposto, os veículos de comunicação começam a propor corpos perfeitos, desenhados a partir de um modelo industrial para se adequar aos novos modelos de tecidos que estavam em alta no período: a *lycra* e o *cotton*. Nesse

momento, as mulheres voltam às suas preocupações com o seu condicionamento físico, havendo, portanto, a necessidade de dietas restritivas – além do que a pele bronzeada começa a fazer parte da realidade cotidiana.

Se antes o modelo dos cabelos era curto e bem escovado, agora já aparecem mais longos e com penteados diversificados. Nessa década, as discussões de gênero ampliam-se ainda mais, questões de liberdade feminina e de juventude passam a ser o modelo ideal de beleza. As pessoas são magras e, apesar do bronzeamento, as peles claras ainda dominam boa parte das publicidades da época.

É nesse período, por conseguinte, que a saúde se torna associável ao condicionamento físico e os cuidados com o corpo. Ter saúde é ser belo e essa busca se concretiza com a realização de exercícios físicos; inicia-se, dessa maneira, a obsessão por corpos milimetricamente perfeitos.

3.5 ANOS 1990

Os anos 90 do século passado foram a década da popularização da internet e a da globalização. Com o acesso às redes mundiais, surgem programas de edição de imagem que alteravam os corpos das pessoas nas fotografias. Esse fator é um marco importantíssimo na transformação do padrão de beleza feminina brasileiro que conhecemos atualmente. As modelos, nesse sentido, tinham pernas e braços finos, o que retomava características adolescentes, endeusando, mais uma vez, a jovialidade. A calça de cintura baixa fica em alta no guarda-roupa feminino, e o corpo, cada vez mais, desnudo, com roupas decotadas, fendas, tecidos transparentes e minissaias.

As mulheres, isto posto, aparecem cada vez mais magras, o que, na produção acadêmica de Sibilía (2007), é definido como “barbierização” dos padrões, com a busca pelo corpo mais parecido possível com o da boneca Barbie.

Essa boneca esguia e eternamente jovem continua sendo o ícone de um padrão de beleza dos mais resistentes. Tendo habitado a infância das meninas do mundo inteiro há quase meio século, a Barbie tornou-se um verdadeiro clássico da imposição das leis do “corpo bom” em nossa sociedade. [...] as medidas da Barbie são humanamente impossíveis se os 29 cm de plástico oco que a conformam fossem transformadas em carne feminina, para conservar as proporções e sua silhueta curvilínea demandariam uma altura de 2m e 13 e as seguintes medidas de busto cintura e quadris: 96-45-83 cm. [...] uma mulher com essa contextura pesaria menos de 50 kg, portanto não possuiria a quantidade de gordura corporal suficiente para ter ciclos menstruais regulares e não conseguiria sequer andar (SIBILIA, 2007, p. 01).

Esses modelos corporais passaram, nesse período, a ser cada vez mais desejados pelas mulheres brasileiras; a indústria, por sua vez, passou a produzir cada vez mais produtos e desenvolveu procedimentos para que as mulheres atinjam esse padrão ou

cheguem minimamente perto dessa conquista, que é impulsionada com a exibição dos corpos.

O padrão definido nesse recorte histórico caracteriza-se por mulheres extremamente magras – das cinturas bem finas, dos seios grandes, da pele bronzeada sem manchas e dos cabelos longos e ondulados, mas sem muito volume. Observa-se que os olhos claros fazem constantemente parte dos anúncios publicitários. A beleza, logo, foi deixando de ser doméstica e romântica, passando a ser física e sexual, a mulher torna-se independente, e o homem não aparece mais como peça essencial na vida delas.

A influência das modificações digitais modela a imagem midiática de que todas as mulheres têm o mesmo tipo de pele e de corpo, com os cabelos brilhantes, traços finos, olhos claros, seios fartos, cinturas finas, o que atrai olhares desejosos. Em decorrência dessa beleza artificial e comercial, as mulheres reais passam a procurar soluções para ficarem iguais a essas imagens, seguindo o estereótipo de que o corpo ideal é o magro e que este deve ser conquistado a qualquer custo.

3.6 ANOS 2000

Foi nesse período em que a modelo brasileira Gisele Bündchen foi considerada a modelo mais bonita e mais sexy do mundo – devido ao seu corpo magro com muitas curvas e aos seios grandes. A busca, portanto, por um corpo magro com curvas ganha ainda mais força, o que não representa uma boa condição de saúde, mas estampa o estereótipo de corpo perfeito com os seios grandes. Isso ampliou a busca por cirurgias estéticas que aumentem os seios.

Dentro dessa perspectiva, a imagem corporal ideal atualmente é a de um corpo rígido, moldado pelos exercícios físicos praticados nas academias e a da pele lisa de cor uniforme, exibindo a imortal juventude. O padrão de magreza e o da pele sem qualquer mancha ainda continuam em alta, assim o do rosto impecável, o dos seios fartos e rígidos e o do quadril bem desenhado.

A erotização feminina é presente como nunca antes havia sido representada. Assim, quando comparamos a beleza da mulher da década de 1950 com a da mulher atual, percebemos que os cabelos estão mais longos, que a pele está mais bronzeada, que as curvas estão mais acentuadas pelas vestimentas, que os seios são maiores e que as cinturas estão mais finas ainda. A maquiagem não é mais a principal reparadora de imperfeições. Isso agora é a função do computador. Hoje, a beleza é definida, a cada dia, com o uso dos cosméticos, da alimentação saudável, dos inibidores de apetite atrelados a dietas altamente restritivas, das frequentes idas às academias, das cirurgias plásticas e das modificações corporais mais simples. É como se a beleza fosse a responsável por uma vida feliz e pela realização de todos os desejos.

4 ENTENDENDO AS INFLUÊNCIAS POR MEIO DE VIVÊNCIAS

Além das questões relacionadas à subjugação feminina em relação aos homens, existem outros fatores influenciadores na construção da beleza feminina no Brasil, que é um país capitalista e, como tal, tem como principal objetivo lucrar com a venda de produtos, representada, nesta pesquisa, pela especificidade dos produtos voltados à

estética. Todo esse aparato relacionando à venda e aos proventos é muito dependente da indústria cultural¹, a qual objetiva produzir e distribuir material que visa à obtenção de lucro dentro da sociedade capitalista. Essa indústria cultural, por meio da indústria estética e da moda, desenvolve-se com a venda de produtos que prometem proporcionar às pessoas a tão sonhada perfeição, colocando-as dentro de um padrão de vida preestabelecido. No entanto, esse mercado que pode parecer atrativo, já que gera muitos empregos e é rentável aos que fazem parte dele, discursa sobre as narrativas de um padrão de vida saudável que aspira à qualidade de vida, muito voltado ao condicionamento físico e à alimentação restritiva, com a busca por melhora no desempenho corporal de cada indivíduo. As referidas narrativas, da forma como são veiculadas, podem causar transtornos atrelados aos distúrbios alimentares, problemas psicológicos, entre outros.

Em face do exposto, a pressão estética, que vem acompanhada de todo esse aparato, está sobretudo imposta ao corpo feminino, que deve apresentar-se sempre belo, com boa aparência e bem zelado, ou seja, atendendo a expectativas de um padrão estabelecido pela indústria, que é vendido e tem sua narrativa propagada via canais de comunicação. No Brasil, país que preserva muito as questões estéticas com o culto ao corpo, esses transtornos fazem-se muito presentes no cotidiano das brasileiras. Além disso, quando as mulheres não correspondem a esse padrão estético, exibindo corpos com medidas acima do número 38, cinturas que não são finas, rostos não tão delicados e quadris muito largos, estas estarão sujeitas ao julgamento de toda uma sociedade ávida para apontar quaisquer desfoques apresentados no corpo alheio.

4.1 OS PADRÕES E AS VIVÊNCIAS NA HISTÓRIA

Nesse viés, esses traços podem ser identificados no dia a dia das brasileiras em diversas décadas da história, conforme apontaram, neste estudo, as mulheres com as quais realizamos as entrevistas. É importante observar que, após as entrevistas, as gravações foram transcritas. Além disso, elas estão disponíveis na íntegra por meio do link: <https://drive.google.com/drive/folders/1Iiv_RM8Ggq4RrdpZfZQ5ydMKMcSpUz2Z?usp=sharing>.

Posteriormente, a súmula das respostas de cada uma das 5 entrevistadas foi organizada consoante mostra o Quadro 1. Observação: manteve-se apenas o primeiro nome para garantir o sigilo das entrevistadas.

¹ Indústria cultural: termo desenvolvido pelos sociólogos Adorno e Horkheimer, referindo-se à grande produção de itens produzidos nas indústrias e fábricas, sendo adaptadas às narrativas da produção artística – por meio da produção, da distribuição e da comercialização de itens de consumo que visavam ao lucro.

**“OLHA QUE COISA MAIS LINDA, MAIS CHEIA DE GRAÇA”:
O PADRÃO DE BELEZA DA MULHER BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 70 ANOS**

Quadro 1: Súmula das principais ideias das entrevistadas sobre as questões

Questões	Terezinha	Neida	Janete	Rita
Dados das entrevistadas	75 anos, viveu sua juventude no interior de Minas Gerais, na década de 1960.	68 anos, viveu sua juventude na cidade de Brasília, na década de 1970.	48 anos, viveu sua juventude no interior de Minas Gerais, na década de 1980.	37 anos, viveu sua juventude no interior de Minas Gerais, na década de 1990.
1. Você utiliza algum meio de comunicação atualmente? Assiste à televisão, usa redes sociais, ouve rádio, lê jornais, revistas, livros ou algo do tipo?	Gosto de ler livros, revistas... jornal eu não gosto muito. Vejo internet, escuto rádio e vejo notícias na internet.	Sim, televisão, rádio, internet... gosto muito de ler livros.	Rede social, televisão e rádio. Não leio livros.	Utilizo as redes sociais, televisão, telejornais, revistas on-line.
2. Na sua adolescência/ juventude, você utilizava algum meio de comunicação? Televisão, rádio, lia jornais, revistas, livros ou algo do tipo?	Não, não ouvia porque, naquele tempo, não tinha rádio, não usava telefone, nem televisão, a gente era pobre e não usava essas coisas. Quando eu tinha 18 anos, é que fui ter um rádio, mas a televisão demorou.	Tinha rádio, né?! Na minha época, era o rádio.	Televisão e rádio e, às vezes, lia algum jornal	Na adolescência, era mais televisão e rádio.
3. Se sente influenciada a adquirir ou já adquiriu algum produto ou procedimento voltado à beleza que viu em algum desses meios de comunicação?	Já. Vendia alguns cremes, gostava de usar o creme “Nívea”, um esmalte... essas coisas assim só. O creme era pra hidratar e conservar a pele. Hoje em dia, eu vejo muitos cremes na televisão, na internet, para o cabelo. Meu cabelo é muito grosso, e o creme ajuda ficar mais macio.	Não, eu não sou muito de ver e querer assim não.	Já sim. Batom, perfume.	Muito! Principalmente roupas, produtos para cabelo, maquiagem, pele.

<p>4. Quando você era adolescente/jovem, você se preocupava muito com as questões estéticas e em estar sempre bela?</p>	<p>Eu tinha vontade de ficar bonita, mas, como era pobre, a gente não usava quase nada, era só um batonzinho, “rougezinho”, um pó e só, não tinha mais nada.</p>	<p>Muito, lógico! Usava maquiagem, procurava cuidar bem do cabelo.</p>	<p>Com certeza, sempre.</p>	<p>Não muito, acredito que menos que hoje.</p>
<p>5. Sentia que as pessoas próximas, familiares e amigos te influenciavam a ter essas preocupações?</p>	<p>Tinha! Algumas gostavam do mesmo jeito que eu... batom, creme, <i>rouge</i> e preocupavam, e falavam pra eu usar esses produtos.</p>	<p>Não, não influenciavam.</p>	<p>Acho que sim, quando usava algum produto diferente, falavam que ficou bom e incentivava a gente a usar mais.</p>	<p>Não influenciavam.</p>
<p>6. Você se lembra de qual ou de quais as principais vestimentas estavam na moda em algum ou alguns dos períodos de sua juventude? Chegou a usar alguma delas?</p>	<p>Eu gostava demais de um vestido que chamava de princesinha, ele era de nesguinha na frente, assim do lado, meio “taiadinho” nas mangas, apertadinho na cintura, rodadinho, e um bolerinho por cima. Usava saia também e blusa cobrindo o joelho, normalmente marrom com quadrinhos. As moças eram bem magrinhas, eu usava muito pra ir na igreja, o vestido era pregueado de corpo separado, de golinha e branco. Era bem bonitinho. Naquele tempo, não usava calça.</p>	<p>Era o vestido tubinho, era um vestido reto que era a moda, e a gente usava muito. Anos 65, 70, usava bastante com a estampa mais lisa.</p>	<p>Quando eu era jovem, aquelas calças pantalone de crepe de linho, uma calça de um tecido molinho, ficava muito chique e eu usava muito. No momento, era aquela roupa social.</p>	<p>Lembro de usar calça pantalone, blusa laforetti, as calças eram estampadas e as blusas lisas, e calças cintura-baixa. Usei muitas calças cintura-baixa quando lançou.</p>

“OLHA QUE COISA MAIS LINDA, MAIS CHEIA DE GRAÇA”:
O PADRÃO DE BELEZA DA MULHER BRASILEIRA NOS ÚLTIMOS 70 ANOS

<p>7. Na sua adolescência/juventude, tinha algum ícone de beleza em que você se inspirava?</p>	<p>Eu mesmo considerava que eu era muito bonita, tinha um corpinho bonito, magrinha, meu cabelo era curto, aí eu considerava que eu era muito bonita, porque os outros falavam que eu era bonita, aí eu pensava que eu era bonita mesmo. Eu pesava 43 kg antes dos 16 anos.</p>	<p>Não, porque naquela época a gente não tinha muito acesso à televisão.</p>	<p>Sim, a Vera Fischer. Era atriz, muito bonita, fazia novela e a gente se inspirava nela, observava as roupas e usava igual. Me considerava parecida, ela era loira igual eu, do olho claro.</p>	<p>Me lembro muito da Ana Paula Arósio, era atriz e modelo, fazia novelas muito assistidas na época. Ela era jovem, tinha olhos claros que destacavam muito e o cabelo escuro. Tinha um padrão de beleza muito bonito. Não me considerava parecida. Eu imagino que essas questões de cirurgias e plásticas são coisas mais recentes.</p>
<p>8. Em algum momento, você já se sentiu “diferente”, considerando o corpo, as vestimentas das outras pessoas que eram consideradas belas e se sentiu inferior por esse motivo?</p>	<p>Agora não, eu acho que eu estou muito feia com as costas todas tortas, cabelo branco e antes era branco e liso.</p>	<p>Não, não tinha essa divisão.</p>	<p>Muitas vezes, porque eu era gorda, né?! Como sou até hoje e sempre eu me senti inferior porque o modelo era magro.</p>	<p>Já, com certeza. Às vezes, o cabelo muito volumoso e muito, não tão liso que geralmente era muito usual, a roupa que não tinha tantas trocas e com certeza me sentia inferior sim.</p>
<p>9. Tem alguma coisa, atualmente, que é possível, no mundo estético, que você gostaria de fazer, já fez ou, se fosse possível, teria feito em sua juventude?</p>	<p>Não, se eu fosse jovem, talvez.</p>	<p>Não me chama muito a atenção, nem antes, nem hoje eu prefiro mais natural.</p>	<p>Uma plástica na barriga.</p>	<p>Plásticas não, mas uma coisa que me dá muita preocupação é o meu cabelo.</p>
<p>10. O que você acha que é considerado belo hoje em dia? Consegue fazer uma comparação com o que era considerado belo em sua adolescência/juventude?</p>	<p>Eu acho bonito uma jovem que anda com uma calça jeans e uma blusa mais comprida, vestido. Mudou demais, porque antes não usava</p>	<p>A estética mesmo deles, estão sempre fazendo esses procedimentos. Acho que existe uma pressão maior, no tempo que eu era adolescente,</p>	<p>Hoje em dia, não é mais como na minha época que o padrão tinha que ser um corpo de violão, magrinha, já são consideradas as pessoas mais cheinhas muito bonitas</p>	<p>Acho que a tendência muito legal é usar o cabelo natural, o cacheado está sendo muito usado, o cacheado. Saindo do padrão de tudo liso com progressiva, acho muito legal</p>

	<p>bermuda de jeito nenhum, não usava roupas curtas.</p>	<p>jovem, não era assim, hoje é muito mais cobrado.</p>	<p>também... e eu acho que tem menos preconceito que na minha época, que a pressão era maior. Na minha época, era bonito moça de cabelo comprido, muito conservadora, hoje em dia, já nem tanto, as moças preferem o cabelo mais curto; na minha época, era muito feminina... hoje em dia, nem tanto.</p>	<p>essa tendência natural das pessoas assumirem o que são. Eu acho que, hoje em dia, a questão de moda é muito exagerada, muito cobrada, mais que na minha época; a pressão, hoje em dia, é bem maior. Principalmente pelas redes sociais, que é divulgado um padrão específico e as pessoas que não usam estão fora da moda.</p>
--	--	---	---	---

Fonte: informações coletadas em entrevistas, 2022.

Após a análise desses dados, compreendemos que nem sempre as mulheres eram influenciadas diretamente, bem como que a preocupação com questões específicas permanece, como, por exemplo, cuidados com o cabelo. Algumas entrevistadas apontaram inspirar-se em ícones de beleza com os quais tinham contato por meio de veículos de comunicação, enquanto outras, que não apontaram nenhum ícone de inspiração, não tinham acesso a meios de comunicação para que pudessem desenvolver esse senso de inspiração. Isso, portanto, comprova o poder de dominação da indústria cultural. Além dessas considerações, compreendemos que a preocupação com questões corporais, com a estatura, com o peso e com as condições físicas no geral não são pautas recentes na vida das mulheres, tanto nos grandes centros quanto no interior.

Em conformidade com o que apontaram na primeira e segunda perguntas, as entrevistadas Terezinha e Neida, mulheres que tiveram suas juventudes vivenciadas, respectivamente, nas décadas dos anos 60 e 70 do século XX, salientaram que, atualmente, gostam dos meios de comunicação e que tem contato com eles; mas que, durante a adolescência e a juventude delas, acesso a esses veículos era muito restrito devido a questões sociais e financeiras. Já as entrevistadas Janete e Rita, que viveram, respectivamente, nas décadas de 80 e 90 do século XX, salientaram que já tinham acesso a meios de comunicação como televisão e como rádio e que atualmente ambas utilizam esses aparatos. Aqui, cabe ressaltar que, entre todos os veículos de comunicação por elas citados, sobressalta-se o uso, de modo hodierno, da internet.

Nesse sentido, a partir da coleta de dados referenciados, infere-se que a indústria cultural não teve tanta influência na vida das jovens que viveram nos anos 1960 e 1970 em decorrência da falta de acesso a alguns canais de comunicação. Entretanto, esse fenômeno já começa ocorrer na vida das jovens a partir dos anos 1980, que foi, inclusive, quando a internet começou a ser utilizada no meio acadêmico brasileiro. Isso influenciou para que novos horizontes fossem vislumbrados em um futuro não muito distante, favorecendo o acesso a outros tipos de veículos de comunicação, ficando expostas as propagandas que tinham como intuito vender produtos voltados à beleza.

Nas colocações dos tópicos 4 e 5 das entrevistas, nota-se uma preocupação com cuidados da pele e principalmente do cabelo entre as mulheres, que confessaram ter sido influenciadas por pessoas próximas a terem esses cuidados. Fica evidenciado, por conseguinte, por meio da análise desses tópicos, a utilização de produtos que destacam a beleza e feminilidade, como, por exemplo, os citados batons e esmaltes – que são itens utilizados para fins estéticos desde a antiguidade.

Quando questionadas sobre a moda nos períodos da juventude delas, as mulheres que viveram nas décadas de 1960 e 70 apontaram vestidos como sendo uma peça predominante entre os modelos da época, explicitando até que não era comum ver mulheres fazendo o uso de calças. Como atestou Terezinha, 75 anos, esses traços transmitiam a noção de feminilidade sobre um modelo de vestido que destacava a cintura das mulheres. Neida, 68 anos, apresenta que o vestido tubinho era comum e que era usado na década de 1970. Esse tipo de item exibia os traços femininos sutis, com a marcação da cintura e expunha ainda mais os traços corporais femininos, evidenciando ainda mais os corpos. O que se verifica, entretanto, é que esses traços foram sendo substituídos por outros modelos de vestimenta, como elencaram as entrevistadas Janete

e Rita, atestando como peça fundamental dos guarda-roupas femininos a calça pantalon.

Nota-se uma percepção interessante que é transmitida no item 7, quando a maioria das entrevistadas, mesmo tendo ou não um ícone de beleza, expuseram corpos magros como modelo de beleza, unidos à pele clara e cabelos tratados. As mulheres que não apontaram nenhum ícone de inspiração no mundo estético, não tinham acesso aos meios de comunicação com a mesma frequência do que as que viveram nos anos 1980 e 1990 tiveram. Logo, esses fatos podem influenciar diretamente na construção dessa percepção. Com as respostas, salientou-se a preocupação em atingir algum padrão quando essas mulheres procuravam utilizar vestimentas que esses ícones utilizavam, provando que a comparação com outras mulheres é uma realidade atemporal no dia a dia do mundo feminino.

No item 8, as entrevistadas descreveram os corpos e a moda como sendo tópicos fundamentais na inferiorização que sentiam sobre si mesmas. Em todos os casos apresentados, elas evidenciam insatisfações com os próprios corpos e com os cabelos, apontando sempre para o modelo de corpos magros e para os cabelos lisos como parâmetro para uma beleza ideal. Na entrevista, apenas uma das mulheres entrevistadas relatou que, durante sua juventude, não existia uma noção de inferioridade partindo da análise dos corpos e das roupagens.

Em relação aos procedimentos estéticos de modificação, uma única mulher argumentou que não faria nenhuma alteração corporal; enquanto, outras disseram que fariam algumas alterações, como o caso da entrevistada Janete, que disse que faria uma cirurgia estética para modificar sua estrutura corpórea. Já Rita explica que faz modificações no cabelo em decorrência da inadequação de seus fios ao modelo liso e sem volume, modelo apreciado por ela desde sua adolescência.

No que concerne às impressões que essas mulheres têm sobre o conceito de beleza hodierno, há um relato de que ocorreram muitas mudanças e de que a pressão estética é ainda mais presente nos dias de hoje do que durante os períodos em que elas eram adolescentes e/ou jovens. Outro fato curioso apresentado nesse tópico é que as mulheres que foram entrevistadas têm consciência de que a pressão estética atual é transmitida principalmente pelos canais de comunicação mais comuns, como a internet, por exemplo. Além disso, apontam que, mesmo com a existência de uma cobrança estética – mais predominante no presente, existe uma maior autoaceitação do que durante as décadas em que viveram a adolescência e juventude delas.

Observamos, pensando nisso, com a entrevista, que a noção de feminilidade teve transformações durante vários períodos e que, apesar dessas alterações, alguns traços estão presentes em diversos recortes históricos, como as formas do cabelo, bem como os cuidados com este e a preocupação com as vestimentas que estavam em alta durante os momentos. Ainda notamos a importância da influência midiática na vida das mulheres, o poder que a indústria cultural tem sobre os corpos femininos e sobre seus condicionamentos e que, mesmo com a consciência de que existe um padrão que é influenciado por essas mídias, ainda há um desejo de mudanças nos próprios corpos para se inserir em um modelo preestabelecido.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em vista dos argumentos e das análises apresentadas, conclui-se que o padrão de beleza feminina no Brasil, durante todo o período analisado, está ligado aos desejos masculinos. Dessa forma, a mulher subjugada ao homem pela relação de gênero transforma-se para atender, além dos padrões de beleza, aos desejos de seus maridos em diversos períodos da história.

Nesse viés, a pele clara esteve sempre em evidência durante os períodos analisados, o que é intrigante, quando pensamos na miscigenação étnica brasileira, que, mesmo tendo todos os traços característicos de um determinado povo, incluídos na construção social de sua pátria, ainda é um país racista e que não traz visibilidade aos corpos de mulheres negras sem que os sexualize.

Todas essas considerações, portanto, ainda fazem ligação com o endeusamento da jovialidade feminina, o que faz com que as mulheres mais velhas não sejam nem citadas em anúncios publicitários, percebendo-se o preconceito do etarismo. A velhice, dessa maneira, é citada como algo indesejado e que deve ser evitado a qualquer custo, principalmente quando a opção é vender produtos e procedimentos estéticos que reduzam as rugas e as marcas de expressão.

Atualmente, temos acesso a meios de comunicação que permitem análises que trazem a percepção de que existe um padrão de beleza e que este pode ser prejudicial à saúde das mulheres, inclusive, entretanto, esse fato não as assusta, já que, mesmo com processos de operações invasivas que causam comprovadamente um risco a elas, as mulheres ainda preferem aderir às modificações corporais para atender ao padrão preestabelecido.

Já em relação à pressão estética, nota-se uma influência muito maior nos dias atuais. Com os usos das redes sociais, essas relações, logo, perpassam sobretudo o cotidiano dos jovens, que são o principal público-alvo desses veículos de comunicação. Outro fator que permite que isso ocorra é o advento dos procedimentos estéticos. Atualmente, eles são tão comuns que as mulheres passaram a usar esses artifícios cada vez mais jovens, buscando o corpo perfeito, com traços perfeitos.

Em contraponto, é importante que coloquemos em evidência também a presença de diversos grupos que influenciam esses jovens a se aceitarem, independentemente de suas condições físicas, o que nos permite inferir que talvez, em um futuro não tão distante, as preocupações estéticas exageradas não sejam mais uma pauta a ser considerada e que a beleza vá além de apenas corpos bonitos, passando a ser considerada de outras formas, que não a beleza física.

REFERÊNCIAS

BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Lisboa: Edições 70, 2010. Coleção Arte e Comunicação, v. 54.

BOHM, C. C. **Um peso, uma medida**: o padrão de beleza feminina apresentado por três revistas brasileiras. São Paulo: Uniban, 2004. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/>

napead/projetos/fases-da-publicidade/textos/associativa_04.pdf. Acesso em: 15 abr. 2022.

CAETANO, V. R. **Duas polegadas**. São Paulo: 78 rpm 17134-B, 1955. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Mr2MD4uxRL8>. Acesso em: 30 maio 2022.

CAMINHA, P. V. de. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil**. São Paulo: Martin Claret, 1999.

DOM, E. G. de F; RAVEL, E. G. de F. **Eu te amo meu Brasil**. São Paulo: RCA, 1970. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KKnoxFKqKkI>. Acesso em: 25 maio 2022.

ECO, U. (Org.). **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FOUCALT, M. **Vigiar e Punir**: história da violência nas prisões. Petrópolis: Vozes, 1987.

HENRIETE, V. O padrão de beleza imposto pela mídia. **Observatório da Imprensa**, 2014. Disponível em: https://www.observatoriodaimprensa.com.br/diretorio-academico/ed794_o_padrao_de_beleza_imposto_pela_midia/#:~:text=Os%20meios%20de%20comunica%C3%A7%C3%B5es%20tem,modelos%20mag%C3%A9rrimas%2C%20a%20pura%20perfei%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 15 abr. 2022.

HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. P. 169 a 214. In: LIMA, L. C. **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 364 p.

JORNAL DAS MOÇAS. Rio de Janeiro: Jornal das moças LTDA., 1914, 1965. (Circulação às quartas feiras).

LE BRETON, D. **A sociologia do corpo**. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann. Petrópolis: Vozes, 2006.

MACHADO, C. *et al.* Utilização de chumbo em cosméticos. **Revista Estética do curso de Estética e Cosmética da Faculdade UniOpet**, [S. l.], [s. d.]. Disponível em: <https://www.opet.com.br/faculdade/revista-estetica/pdf/2015/UTILIZA%C3%87%C3%83O%20DO%20CHUMBO%20EM%20COSM%C3%89TICOS.pdf>. Acesso em: 30 maio 2022.

MARTINS, V. L. **A beleza como instrumento de autoafirmação na sociedade de consumo latino-americana**. UNIESP, 2017. Disponível em: http://uniesp.edu.br/sites/_biblioteca/revistas/20170531142130.pdf. Acesso em: 02 jun. 2022.

MENESES, J. R. de; SOARES JR., A. dos S; ARAÚJO, E. M. N. História da beleza e práticas educativas de adestramento dos corpos femininos no Brasil. **Sæculum – Revista de História**, João Pessoa, v. 37, n. 37, p. 79-96, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.22478/ufpb.2317-6725.2017v37n37.37195>. Acesso em: 01 maio 2022.

NASCIMENTO, C. M.; PROCHNO, C. C. S. C.; SILVA, L. C. A. O corpo da mulher contemporânea em revista. **Fractal: Revista de Psicologia**, Niterói, v. 24, n. 2, p. 385-404, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1984-02922012000200012>. Acesso em: 28 maio 2022.

NUNES, C. X. **Geografias do corpo**: por uma geografia da diferença. Instituto de Geociências Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, 2014. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/94741/000916424.pdf?sequence=1>. Acesso em: 30 maio 2022.

OLIVEIRA, G. A. **Mulheres negras**: corpos em luta. 2016. 25 f. Projeto de Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia), Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: <https://repositorio.ucb.br:9443/jspui/handle/123456789/9482>. Acesso em: 04 ago. 2022.

PRIORE, M. D. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. 2. ed. São Paulo: SENAC, 01 jan. 2001. 108 p. 65.

SANTOS, R. A. V. **Diálogos entre corpo e modelagem plana**: propostas de uma moda voltada para transtornos dismórficos femininos. Universidade Federal de Juiz de Fora Instituto de Artes e Design Especialização em Moda, Cultura de Moda e Arte, Juiz de Fora: UFJF. 2014. Disponível em: <https://www2.ufjf.br/posmoda//files/2014/11/Monografia-Rose.pdf>. Acesso em: 28 maio 2022.

SIBILIA, P. **Lipoaspirador de defeitos terrestres**. Novembro/2007. Disponível em: <https://www.paulasibilia.com/artigos>. Acesso em: 08 set. 2022.

SIMÕES, G. Antonio Rocco e as representações da imigração. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ARTE, 12., 2017, Campinas. **Anais [...]** Campinas: EHA UNICAMP, 2017, p. 288-295. Disponível em: <https://www.ifch.unicamp.br/eha/atas/2017/Gabrieli%20Simoes.pdf>. Acesso em: 08 set. 2022.

VILLAÇA, N. **A edição do corpo**: tecnociência, artes e moda. Barueri: Estação das Letras, 2007.

WOLF, N. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.